ETNOMETODOLOGIA EM PAUTA: PERSPECTIVAS PARA O ESTUDO DAS CULTURAS POPULARES

Luciano Santos Xavier[1]
Denise Dias de Carvalho Sousa[2]

Resumo: Este artigo objetiva analisar como a Etnometodologia se constitui como um método eficiente e coerente para o estudo das denominadas "culturas populares", posta a sua dinâmica metodológica de centralização das narrativas dos sujeitos empíricos participantes da/na pesquisa, com vistas à multiplicidade de narrativas, fazeres, significações e modos de produção de sentido e de existência. Para tanto, problematizamos os conceitos de cultura e cultura popular, sob o prisma de Costa (2016), Santos (1994), Burke (1989), Hall (2003) e Mattelart e Neveu (2004), dentre outros, de modo a discorrer sobre sua diversidade/pluralidade, tendo em vista os Estudos Culturais. Discutimos ainda os pressupostos teóricos, metodológicos e filosóficos que entornam a Etnometodologia, a partir da perspectiva de Haguette (2010), Braga (2015) e Watson e Gestaldo (2015), a fim de contextualizar e direcionar as possíveis dinâmicas de pesquisa das culturas populares, pensando a sua complexidade e dinamicidade. Nosso método se pautou numa revisão de literatura, a fim de sistematizar e verticalizar alguns dos estudos que discutem cultura e cultura popular, assim como os aspectos da Etnometodologia.

Palavras-chave: Etnometodologia, Culturas Populares, Estudo Culturais.

Introdução

Em sua coletânea de artigos, *Sete estudos de literatura oral e cultura popular* (2016), a professora e pesquisadora Edil Silva Costa dedica uma discussão acerca da singularidade e multiplicidade da cultura brasileira, em especial as denominadas "culturas populares". A autora aborda os diversos aspectos que não mais homogeneízam as culturas, mas que acentuam a sua diversidade.

Em uma de suas assertivas, Costa (2016) problematiza os olhares exóticos e hierárquicos que ainda pairam nos discursos, quando o assunto é cultura popular. Neste sentido, a autora aponta que:

---

[1] Pós-graduando em Literatura Contemporânea pela Faculdade de Educação São Luís (FESL) e graduado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH – Campus IV. Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagens, Estudos Culturais e Formação do Leitor (LEFOR). E-mail: *lu.ciano2011@live.com*.

[2] Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e mestra em Estudos de Linguagem pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Docente da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), ambos da UNEB – DCH – Campus IV. Líder do Grupo de Pesquisa Linguagens, Estudos Culturais e Formação do Leitor (LEFOR). E-mail: *dsousa@uneb.br*

> [...] [é preciso] estudar o popular ou o folclórico não como 'residual', mas como manifestação cotidiana, prática coesa e imbricada à vida das comunidades em geral colocadas à margem da sociedade, [...]. Interessa estudar a cultura popular não como algo exótico, produto de exportação ou atração turística, mas como um estrato da cultura brasileira em suas relações com os outros estratos mais sujeitos à rapidez das transformações das sociedades modernas e à velocidade contemporânea (COSTA, 2016, p. 21).

É diante dessa perspectiva de estudo da cultura popular apontada por Costa (2016) que situamos este artigo; pensando ainda os próprios pressupostos dos Estudos Culturais. Não cabe mais uma abordagem das culturas populares como algo folclórico, tampouco como exótico. É preciso que entendamos as complexidades inerentes às produções de sentido do povo, e com isso tencionar esses olhares ao âmbito acadêmico, de modo tão legítimo quanto qualquer outra produção de conhecimento.

Sob esse prisma, buscamos problematizar não só as abordagens, mas também os métodos com os quais os estudos da cultura popular se edificam. A maneira com que construímos e reverberamos os dados diz muito sobre o posicionamento crítico, político e ideológico do pesquisador.

Assim, propomos uma reflexão sobre a dinâmica metodológica de pesquisa que aponta a Etnometodologia como um método coerente e facilitador do estudo mais direcionado às produções de sentido de um determinado grupo social, podendo ser de qualquer esfera ou classe social; mas aqui direcionamos às pesquisas em cultura popular.

Como veremos mais adiante, a Etnometodologia parte de uma ótica que centraliza o ponto de vista das pessoas, isto é, dos sujeitos colaboradores, como principal elemento condutor da reflexão investigativa. É característico do ser humano produzir sentidos que contextualizam e direcionam a sua existência no seio da sociedade e do mundo. Assim, a etnometodologia se pauta na experiência dos modos de produção e organização dos sentidos por parte das pessoas, seja numa esfera individual ou coletiva.

Tendo em vista esses aspectos, este trabalho objetiva abordar como a Etnometodologia se constitui como um método eficiente e coerente no estudo das culturas populares, posta a sua dinâmica metodológica de centralização das narrativas dos sujeitos empíricos participantes da pesquisa.

Para tanto, problematizamos os conceitos de cultura e cultura popular, sob o prisma de Costa (2016), Santos (1994), Burke (1989), Hall (2003) e Mattelart e Neveu (2004), dentre outros, de modo a discorrer sobre sua diversidade/pluralidade, tendo em vista os Estudos Culturais. Discutimos ainda os pressupostos teóricos, metodológicos e filosóficos que entornam a Etnometodologia, a partir das pesquisas de Haguette (2010) e Watson e Gestaldo (2015), a fim de contextualizar e direcionar as possíveis dinâmicas de estudo das culturas populares, pensando a sua complexidade e dinamicidade.

Nosso método se pautou numa revisão de literatura, a fim de sistematizar e verticalizar alguns dos estudos que discutem cultura e cultura popular, assim como os pressupostos da Etnometodologia.

1 Cultura e "culturas populares": conceitos e discussões nos Estudos Culturais

O termo *cultura* é atravessado por múltiplas definições e concepções, as quais muitas delas engessam-na, e outras coadunam com a dinamicidade e maleabilidade intrínseca às práticas culturais. Sob essa perspectiva, definir precisamente *cultura* é uma tarefa árdua e praticamente impossível, se levarmos em conta o processo movente no qual ela se constrói e reconstrói, visto cada tempo, espaço, sujeitos, sentidos e símbolos imbricados na sua sociedade/comunidade produtora.

José Luiz dos Santos, em *O que é cultura* (1994), apresenta duas concepções para conceituá-la, uma que a debate sob uma ótica mais geral e a outra específica aos modos de produção. Para o autor:

> A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade. [A segunda é que] [...] quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. (SANTOS, 1994, p. 24-25).

Embora Santos introduza essas duas acepções, é perceptível que a segunda está intimamente inserida na primeira, já que essa considera a totalidade existencial de uma sociedade. O que não podemos perder de vista em nenhuma delas é que, mesmo sendo uma construção/representação da existência de uma realidade social ou maneiras específicas de existir-se no mundo, a *cultura* se estabelece nos fios da movência dos

sujeitos e da sociedade, está em constante movimento e passível aos processos de recriação dessas existências.

Um outro aspecto importante de assinalarmos sobre a *cultura* diz respeito às relações de poder que a entorna, de modo a legitimar as culturas socialmente aceitas, sendo as culturas clássicas e elitizadas, ao passo que as culturas das camadas populares são descentradas às margens da sociedade. Assim, percebemos como a cultura denominada "popular" foi destituída da importância que ela tem, sendo, portanto, diminuída pela elite dominante.

O teórico Stuart Hall (2003) aponta que o lugar da cultura popular sempre foi de resistência. Na ótica do autor, "a cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada: é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência" (HALL, 2003, p. 263). Dessa forma, mesmo com todos esses embates nas relações de poder, a cultura popular nunca se desvencilhou das suas formas mais genuínas de produção de cultura, de existência e de representação.

Portanto, as simbologias, identidades, representações são intrínsecas a toda e qualquer manifestação cultural, em especial nas denominadas "culturas populares", sendo expressas de diversas formas (XAVIER, 2018). Atribuímos o plural à cultura popular, por entender a sua polifonia, a sua multiplicidade criativa e existencial; "culturas populares" é a maneira mais eficaz para se referir à produção do povo. A respeito dessa questão plural e diversa que entorna a cultura das camadas populares, Edil Silva Costa (2016, p. 21) nos lembra que se faz necessário entendê-la "como um estrato da cultura brasileira em suas relações com os outros estratos mais sujeitos à rapidez das transformações das sociedades modernas e à velocidade contemporânea".

Destarte, é importante definirmos mais densamente o que entendemos como *cultura popular*, a fim de evitar imprecisões conceituais ou certas contradições. Ao compreender a *cultura* como um sistema de significados e formas simbólicas criados pela humanidade (BURKE, 1989), deve ser sinalizada também a diversidade de formas e expressões as quais ela está envolta. Nesse sentido, o lugar social do sujeito cultural (seja de classe, etnia, gênero, etc.) também é um fator preponderante e que foi utilizado como fator de legitimação do juízo de valor no que concerne à cultura.

Para Peter Burke (1989, p. 12), "o termo 'cultura popular' dá uma falsa impressão de homogeneidade e que seria melhor usá-lo no plural, ou substituí-lo por uma expressão como 'a cultura das classes populares'". Portanto, ao utilizarmos a noção de "cultura popular", levamos em conta seu aspecto plural, reconhecendo a diversidade das culturas populares e anulando o estigma o qual foi determinado a essas pelas classes dominantes.

Dessa maneira, a cultura popular deve ser apreendida pela sua polissemia de elementos que compõem as vivências dos povos tradicionais; não basta defini-la somente pelas vias da dicotomia "popular" *versus* "erudito", posto que acabamos a reduzindo como produção menor, se comparada a uma cultura canônica e elitizada. Na perspectiva explicitada por Paul Zumthor (1993, p. 29), o "[...] 'popular' (caso queira usar esse adjetivo) não designa ainda o que se opõe às 'ciências', à *lettrure*; refere-se ao que depende de um horizonte comum a todos – sobre o qual se destacam algumas construções abstratas, próprias a uma ínfima minoria de intelectuais". De tal modo, a cultura popular é muito mais que um ponto dicotômico às culturas privilegiadas, ela está situada num âmbito de produção de saberes, vivências e existências de povos, que foram marginalizados por não atenderem aos padrões sociais das elites.

Em consonância com as discussões levantadas acima, Nerivaldo Alves Araújo (2015, p. 24) aponta que "[...] as manifestações culturais de povos frequentemente marginalizados pela cultura dos grupos dominantes de visão eurocêntrica estão assumindo um papel considerável ante o novo repensar da cultura nacional". Nesse contexto, para compreender essa dimensão do popular trazida para os estudos acadêmicos, é preciso ressaltar o papel imprescindível dos Estudos Culturais, considerando seus esforços em trazer esses "heróis e heroínas populares", para o centro dos estudos universitários, isto é, para o lugar de protagonismo que lhe é de direto.

Os *Cultural Studies*, ou Estudos Culturais surgem a partir de 1960, como uma forma contra-hegemônica e interdisciplinar de investigação das culturas ligadas às camadas populares, de modo a questionar as hierarquias acadêmicas preestabelecidas na construção do conhecimento. Para Mattelart e Neveu (2004, p. 13-14), os Estudos Culturais visam:

> Considerar a cultura em sentido amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo cultura-nação para uma abordagem da

> cultura dos grupos sociais, [...] a questão central é compreender em que a cultura de um grupo, e inicialmente das classes populares, funciona como contestação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão às relações de poder.

Nessa perspectiva, os Estudos Culturais direcionam as pesquisas acadêmicas sobre os grupos e movimentos populares, considerando esse aspecto descentralizador do conhecimento tido como "erudito" (XAVIER, 2018).

Diante do exposto, percebemos a multiplicidade e a complexidade das culturas populares, e é através desse reconhecimento que afirmamos que não cabe uma abordagem de estudo dessas culturas sem centralizar o seu discurso como fio condutor de todo o trabalho. É neste sentido que apontamos a Etnometodologia como um método que centraliza os discursos dos sujeitos empíricos participantes da pesquisa, levando em conta também a ótica e condução do pesquisador. No entanto, reiteramos que o ponto medial é como esses sujeitos organizam os sentidos produzidos por si, bem como se posicionam e significam-se diante do mundo.

2 A Etnometodologia e as perspectivas para o estudo das culturas populares

Em todo o meio social, a construção de significados é evidente e emergente, desde as tarefas simples até as mais complexas. Faz parte do comportamento humano organizar essas produções de sentido, de modo a compreender o seu lugar na sociedade e no mundo. Teresa Maria Frota Haguette (2010), ao falar dos pressupostos de pesquisa da Etnometodologia, nos diz que é a partir desse sistema de organização dos significados das ações humanas que os indivíduos/grupos constituem suas práticas sociais.

A etnometodologia se dedica ao estudo do modo com que as pessoas exercem e conduzem sua produção de sentido. Assinalamos que ela se configura como uma metodologia que estuda o método em que as pessoas produzem o significado cotidiano sobre si e sobre o outro.

É importante apontar que a Etnometodologia não toma como princípio exclusivo as determinações do pesquisador/cientista, elas são importantes na condução do trabalho. No entanto, o principal fundamento considerado é a concepção dos sujeitos estudados, isto é, dos atores socias que participam da pesquisa e que, de certo modo,

também, constroem-na. De acordo com viés trazido por Adriana Braga (2015, p. 8), "o que importa para a Etnometodologia são os pontos de vista das pessoas, as maneiras como elas, coletivamente, produzem saberes sociológicos [...], isto é, os entendimentos dessas pessoas sobre o que seja a sociedade e como ela se manifesta na vida cotidiana".

A Etnometodologia ou EM, como também é designada, surgiu em meados da década de 1960, nos Estados Unidos, tendo como precursor o sociólogo Harold Garfinkel e a publicação do seu livro, *Studies in Ethnomethodology (1967)*, como marco inicial dos estudos etnometodológicos (HAGUETTE, 2010).

A perspectiva etnometodológica parte dos postulados filosóficos da *fenomenologia*, esta que foi desenvolvida por Edmund Husserl, já no fim do século XIX.

Segundo Rod Watson e Édison Gestaldo (2015, p. 18):

> A fenomenologia de Husserl colocou uma forte crítica contra a ideia positivista da objetividade da ciência, ao propor que os objetos do mundo são construídos pelos modos como as pessoas atuam intencionalmente com relação a eles, em vez de simplesmente existirem materialmente e exibirem suas propriedades.

É situada nas vias fenomenológicas que a Etnometodologia tece seu método centrado nos processos de produção de cultura, ou seja, nas produções de sentido e de existência de determinados sujeitos. Ainda para Watson e Gestaldo (2015, p. 23):

> A EM não é um individualismo metodológico, mas uma sociologia das práticas coletivamente empreendidas, vista do modo como são compreendidas pelas próprias pessoas que delas participam. Essas práticas são socialmente organizadas pelas próprias pessoas como partes de uma dada situação social.

Sendo assim, para compreender esses sistemas de significados construídos pelo ser humano, em especial as culturas populares, a Etnometodologia se mostra ser uma importante ferramenta metodológica de pesquisa, sobretudo por suas acepções basilares que permitem compreender as produções sociais de sentido de um indivíduo e/ou determinado grupo social.

Haguette (2010) ainda afirma que tais compreensões do fato social – na perspectiva etnometodológica – se situam a partir de uma ótica interna, isto é, construídas, tendo como referência o ponto de vista dos sujeitos da pesquisa, posto que a Etnometodologia "se insere dentro da tradição do interacionismo simbólico ao tentar

ver o mundo através dos olhos dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objetos e às ações sociais que desenvolvem" (HAGUETTE, 2010, p. 50).

Portanto, é perceptível que propicia caminhos interpretativos de uma realidade social, esta que pode ser analisada sob uma ótica dual, sendo considerada a perspectiva do pesquisador, mas principalmente a ótica dos atores sociais colaboradores; naturalmente, os sujeitos empíricos/participantes da pesquisa.

É válido destacarmos que a Etnometodologia não é o método que estuda exclusivamente as culturas populares. Ela pode ser aplicada e utilizada no estudo de qualquer sujeito social, pertencente a qualquer grupo cultural ou classe social, pois se aplica ao estudo de sujeitos empíricos, ou seja, que não necessariamente estão vinculados aos postulados científicos. Mas isto não quer dizer que só as camadas populares são empíricas, pois o empirismo se situa no senso comum, na cotidianidade; e todos nós compõem (ora ou outra) esse lugar discursivo/enunciativo.

O que pretendemos consolidar aqui é que, por abranger um panorama interno dos atores sociais envolvidos numa pesquisa, a Etnometodologia pode englobar, de maneira contemplativa, as complexidades e narrativas que emergem nas culturas populares. Sua perspectiva teórica, metodológica e filosófica aspira caminhos possíveis para a apreensão e reflexão da multiplicidade existente no âmago das culturas populares.

Considerações finais

No decorrer deste artigo, explicitamos as questões teóricas, metodológicas e filosóficas da Etnometodologia, com o intuito de situarmos e fundamentarmos os possíveis caminhos a serem trilhados no estudo das culturas populares. Como enfatizado, os modos de produção de cultura e de sentidos de um determinado grupo social diz muito sobre quem ele é e como se posiciona diante de si, do seu coletivo e do próprio mundo.

Dessa forma, é importante compreendermos os processos complexos e diversos em que a cultura se situa nos debates atuais, assim como as culturas populares, que também são plurais e se inserem nesses debates, os quais não cabem mais se pautar

apenas numa dicotomia entre "popular" e "erudito". É preciso entendermos seus modos de produção de cultura e de sentido - ambos que desvelam a existência de um indivíduo, ou mesmo de um povo.

Logo, é possível entender como a Etnometodologia pode ser utilizada como método eficaz e potencializador do estudo das culturas populares, no sentido de que ela é suscetível a abranger os complexos modos de produção de sentido de um indivíduo ou grupo social/cultural, tendo como matéria-prima as narrativas e a ótica interna desses sujeitos participantes.

Referências

ARAÚJO, Nerivaldo Alves. **Na cadência das águas do Velho Chico**: poética oral do samba de roda ribeirinho. 220 f. Il. 2015. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

BRAGA, Adriana. Apresentação: uma sociologia da interação cotidiana. *In*: WATSON, Rod; GESTALDO, Édison. **Etnometodologia e Análise da Conversa**. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2015.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna:** em busca da cultura popular. Campinas: Companhia das Letras, 1989.

COSTA, Edil Silva. Cultura Brasileira: singular e plural. *In*: COSTA, Edil Silva. **Sete estudos de literatura oral e cultura popular**. Salvador: EDUNEB, 2016.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Etnometodologia. *In*: HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do "popular". *In*: Liv Sovic (org.). ***Da Diáspora:*** identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al., Belo Horizonte: Editora da UFMG/Humanitas/Unesco, 2003.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

XAVIER, Luciano Santos. Diálogos literários e identitários na chula "Tempo da Fartura", cantada por um grupo de samba de roda do sertão baiano. **Anais: Edição 2018 – XIV ENECULT (Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura).** CULT/UFBA. Salvador, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz:** a "literatura" medieval. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.